# PROPRIEDADE LITTERARIA.

Não obstantes as demonstrações, com que n'estes ultimos tempos se tem entre nós evidenciado o natural, religioso e socialissimo DIREITO DA PROPRIEDADE LITTERARIA — não obstante haverem-se declarado altamente partidarios e defensores seus, quantos homens e mancebos ha ahi respeitaveis por saber e probidade — não obstante havermos repetidas vezes pedido e suplicado, até como favor e mercê, que nos não atropellassem este nosso direito, e constantemente dado o exemplo do mesmo, que assim requeriamos — não obstante os empenhos, que mettemos, valiosos até por seu credito e representação, para que poupassem o nosso — e não obstante finalmente havermos nós mesmos outorgado e concedido aos jornalistas o servirem-se de parte do nosso haver, sem nenhuma especie de retribuição, mas com certas restricções justas e indispensaveis, do que faz fé o que dissémos no 1.° volume a pag. 353, a PIRATARIA continúa a assolar-nos do modo mais cruel, mais desfaçado, e mais tôrpe.

Apenas á Quinta-feira saímos com a carregação de acontecimentos, de invenções uteis, de juizos criticos e imparciaes, de alvitres prestadíos, de variedades de todo o género, tudo fructo da nossa industria, diligencias, trabalhos e despezas, ALGUMAS FOLHAS, que toda a semana não haviam achado, porque não tinham querido procurar, uma só noticia, um só conselho, uma só reflexão, para virem sentar-se com isso á meza commum da intellectualidade, assaltêam-nos logo á saída da nossa porta, arrebatam-nos quanto levavamos ao mercado, e enchendo-se á nossa custa por dois, tres, quatro ou mais dias, procuram, como a gralha de pennas postiças, figurar entre as obras de consciencia, de intendimento, de boa vontade, de zêlo na civilisação, de amor para com as coisas da Patria.

O illustrar e moralisar é o officio, o sacerdocio da Imprensa — ¡ mas que illustradores estes, que nada criam! — ¡ que moralisadores estes que por não haver ainda uma lei escripta, que os esmague com penas materiaes, não se pejam de exercer publicamente a profissão de Ladrões! — Ao militar covarde rasgam-lhe a farda pelas costas; ao cavalleiro desleal dilaceravam-lhe o manto, quebravam-lhe as armas, arremessavam-lhe os pedaços contra o rosto. — A estes não auctores, nem redactores, nem sequer editores, mas simplesmente impressores, e sórdidos, deveria a lei mandar-lhes rasgar na cara as suas folhas no meio da praça publica, e talvez até o vestido e a gravata, que na sociedade européa se costumam haver por distinctivos do homem decente.

« Que nos façam outro tanto » — dizem elles — « nós lh'o consentimos. » — Escarneo barbaro seria este, a não ser estupido. — ¡¿ Como poderiamos nós, ainda querendo degradar-nos para a classe dos ladrões, como poderiamos roubar a quem nunca se deu ao trabalho de adquirir, a quem nada tem de valor senão o que está gritando por seus donos! ?

Alguns Jornaes ha, que ainda passam adiante na sua miseria, porque não contentes com expoliar-nos, dissimulam acintemente d'onde houveram os artigos, que em si transcrevem; — uns, não se dignando de citar o titulo do nosso Jornal; — outros citando-o apenas no primeiro ou no ultimo dos muitos fragmentos que nos usurparam; — outros assignalando-os só com um *R. U.*, que tanto póde ser Revista Universal, como qualquer outra coisa do mundo. — Assim se prostituiu já a Imprensa até ao ponto de tomar as manhas dos *empalma-lenços*, que, para mais a seu salvo os venderem na *Feira-da-Ladra*, lhes tiram primeiro a marca com a ponta da navalha.

Confessâmos que não é tanto o prejuizo, que por aqui padece a nascente e util Empreza da Revista Universal, quem nos accende a ira, como a vergonha de vêr — que, a mais nobre coisa do mundo moderno, a Imprensa, anda entre nós entregue a quem de moral, de direito, e de sociabilidade professa taes principios como isto.

Aqui parâmos por hoje — mas de hoje em diante até que appareça a lei escripta, que mande ferrar com um L na testa aos redactores do alheio, daremos sempre no capitulo das noticias, sobre a rubrica *Rol de Ladrões* uma querella motivada dos roubos, velhacarias, ou alicantinas, que na semana nos houverem feito: — e esse artigo, e tambem este, já d'aqui facultâmos licença franca para os copiarem.

# CONHECIMENTOS UTEIS.

PESCARIAS.

1103 Todas as coisas andam travadas umas com outras, postoque ás vezes por uns fios tão subtís, que á primeira vista se não enxergam: assim tem correlações a industria com a coragem, o moral com o material; e tudo isto com a fórma do governo, ou, para melhor dizer, com a observancia d'ella: — por onde já cantou o poeta

«Um fraco rei, faz fraca a forte gente»

e outra vez

«Torne-vos vossas forças o rei novo»
«Se é certo que co'o rei se muda o povo.»

A cidade de Aveiro em tempos, que ainda ninguem sonhava com governos representativos, (indispensavel condição d'esta nossa edade) conteve em si 12 mil habitantes, e no seu porto 150 navios seus; e d'estes, aviava 60 por anno para a Terra-Nova á pesca do bacalháo.

Se cada um d'elles tomasse 24,354 badêjos, — como então chamavam áquelle peixe, — vinham os 60 a fazer a quantia de 1:461,240 e estes a 48 por quintal 30,442 quintaes, o que, presupondo o preço de cada milheiro a 95,500 réis, viria a fundir, somma de 348,871 cruzados: — ¡ oh! quão longe de taes prosperidades da antiga Aveiro não anda ainda a actual Companhia Lisbonense de Pescarias! — a sua maior safra que foi a do anno de 1840 não passou de 389,673 peixes, e a colheita de 1841 só chegou a 301,000, cujo valor se estimou em 28:595$ réis — ¿ de que provirá este desmedrar e desluzir de coisa em que tantas e tão racionaveis esperanças se fundavam? — Provém do desmazêlo, com que tudo tem deixado, e deixam correr á revelia os que em tudo haviam de ser, e não sómente ser, senão até ostentar-se, tutores e curadores do bem publico.

Muita virtude ha tido a Companhia em não desanimar no meio d'este desamparo: — já o ter ella empenhado o montuoso cabedal de cêrca de 500 contos de réis, sem protecção, sem privilegio, sem nenhum genero de auxilio denota n'ella uma longanimidade, um brio, uma audacia de que não ha exemplo nos annaes mercantís d'esta nação; já por ahi, ainda que em favor seu não estivesse bradando o interesse geral de todo um reino, bem merecia ella que o estado se desvelasse em lhe dar a mão, franqueando-lhe em galardão da heroicidade alguma estrada, ou vereda, ou sendasinha para a fortuna. — Era do brio do governo o fazel-o, porque esses rasgos, embora custem, nunca são disperdicios — são incentivos fecundos para outros, são adubíos lançados no terreno da industria, são um patrimonio, um grande patrimonio para um reino. Se ha privilegios, que assombram e esterilisam, privilegios ha tambem — e são n'o estes — que vivificam e restauram.

A balança do commercio estuda-se pouco, — ¿ e que é o que se estuda muito em Portugal? — Basta dizer que a não ha já, tendo-se descontinuado depois de haver meio seculo que ella se praticava. Se ella andára cá tão aprumada, vista e registada como nos demais reinos, não ignoraria toda a gente — que em 1837 vieram a Portugal por Lisboa, Porto, Figueira e Vianna 144 navios inglezes com 308,225 ½ quintaes de bacalháo. — Estes a 3200 réis por quintal, captivos de direitos, dão (mas dão a inglezes) não menos de 986:320$ réis ¿ E será isto um nonada para não pormos peito em o reivindicar para a nossa terra? ¿ Não se hão-de abrir e facilitar todos os caminhos por onde venha para nossa casa industria, que tanto rende? Todas as coisas se travam, dissemos nós, e é verdade, — os males chamam pelos males e os bens pelos bens — ¿ a construcção, concertos e renovação de 144 navios não seriam muito pão offerecido aos obreiros? ¿ as madeiras para todo esse fabríco não seria tambem um incremento e realce de valor para as nossas mattas, se esses navios fossem nossos, se nas suas driças se levantassem as nossas Quinas? ¿ Será mais glorioso e mais util que Aveiro, excaída da antiga opulencia, só conte hoje 1403 fogos, e que toda a costa desde Lisboa até lá seja um ermo de quasi quarenta leguas, podendo-se n'ella fazer todos estes vasos que a 4:800$ réis, que fosse cada um, seriam 144 mil moedas?

Pontos vitaes são todos estes em economia politica; e entretanto ¿ que se tem feito com a mira n'elles? — nada. Ainda não ha dois dias que ahi se engendrou com a Inglaterra um tractado de commercio, que nem sequer nos deixou — ¡ mesquinhos e malaventurados de nós! — uma triste licença para podermos secar o nosso poucochinho de bacalháo n'uma braça de praia da ilha da Terra Nova, que nós, primeiro que ninguem, haviamos descoberto. ¡ Vergonha de perdularios! como de mal estragámos a tamanha herança que nos deixaram nossos avós! — ¡ nenhuma houve maior! ¿ e que feito foi d'ella? ¿ Que não dirão de nós os desherdados netos a quem roubámos? — Que farão á memoria de quem lhes não transmittiu inteiro senão os apellidos, porque esses não havia modo para os inglezar e afrancezar!.... ¿ que farão? «*Minxerit in patrios cineres.*»

A unica maravilha, que hoje ha para admirar aos que visitam a Marinha Grande, são as immensas médas de achas empilhadas no pateo da fabrica, — dizem que são para os fornos do vidro, prol lhes faça, que assim são estas médas (*) como as piramides do Egypto: — mas a exemplo d'esta concessão gratuita feita á fabrica da Marinha Grande, e que ao pinhal da nação — como pinhal — nenhum prejuizo causa, — ¿ porque se não havia de conceder egual licença á Companhia de Pescarias Lisbonense, para que sob uma fiscalisação competente fizesse alli os córtes de quantas madeiras lhe fossem necessarias para o seu tráfego, e augmentação de seus navios? N'isto não perdia o estado senão que antes vinha a aproveitar; — porque o pinhal, para andar no mais subido ponto, carece de que lhe saquem por anno quarenta mil páus; e como ao presente lhe não chegam a cortar tres mil — segue-se que as restantes trinta e septe mil arvores, a que se perdôa, ficam mui fidalga e morgadamente em pé, creando coguméllos

(*) .....
.....
.....
.....
.....

na terra ensombrada, e vedando que n'ella prosperem os pinheiros novos.

A par d'esta providencia outra havia, que muito podéra alentar a Companhia.

Em todos os reinos bem regrados tanta attenção, — senão mais — se dá ao consumidor como ao productor. — Seguindo este principio lucrar-se-hia em abaixar algum pouco os direitos do bacalháo estrangeiro, por ser artigo de primeira necessidade; mas com tanto que ao nacional se concedesse, ainda por cima, alguns tantos por cento de premio. O consumidor ahi tinha o genero mais barato, e a Companhia não só podia continuar a competir com o estrangeiro, mas havia de augmentar as suas importações. O premio, que se tinha de dar á Companhia, tirar-se-hia do excesso da receita da alfandega, promovida pela baixa no direito, que hoje anda por 50 por cento sobre o custo, e que sem perigo podia chegar a 30, dando-se a differença á Companhia.

Esta combinação podia servir de base para que o governo inglez quizesse negociar comnosco uma feitoria portugueza na Terra Nova.

Estudámos sisudamente o assumpto sobre os documentos — interrogámos a historia de similhantes estabelecimentos em outras nações — versámos os auctores mais sãos da economia — e ouvimos os pareceres dos juizes em taes materias mais competentes. — Muito nos fica por dizer, que roboraria efficazmente o que deixamos dicto: mas tractados dissertativos e copiosos não os consente a indole do papel, em que trabalhamos, nem tão pouco as soffreriam a maior parte dos leitores, cujas vontades são, como nós sabemos, voluveis e apuradissas.

Possam estes apontamentos dispertar a attenção do Governo e das Côrtes para esta matriz de muitas riquezas; e preenchido está o nosso empenho.

---

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

*(Vem de pag. 115.)*

1104 No meu passado artigo fiz algumas considerações sobre a minguada instrucção universitaria, que o nosso clero recebia, e sobre a sua dotação, e a sua distribuição territorial. — N'este agora havemos de considerar a instrucção juridica. — A cultura intellectual de qualquer qualidade, que seja, e ainda a má, é melhor do que nenhuma; porque entretem o exercicio mental; e d'ahi ainda que não seja em um periodo, ou em todos os intendimentos que o progresso ou a innovação se declare, lá vem sempre o tempo ou um ente privilegiado, que aponta para o verdadeiro caminho, levantando-se, como contra o peripateticismo o fizéra *Ramus*, a quem o nosso Gouvêa em París, tanto perseguiu em defensa de Aristoteles, que até queria que o mandassem para as galés.

Mais crueis foram os agitados tempos do feudalismo do que a tyrannia permanente dos despotas da Asia, — aquella agitação porém amainou, e nasceram para a Europa civilisação e liberdade, emquanto a Asia ficou sempre com a fronte pendida para a terra.

Mais valeu que Abeilard revolvesse com disputas de escholastica os baixos seculos, do que se um absoluto silencio os emudecêra nas trévas da ignorancia. Antes da Chimica veio a Alchimia, e a Astrologia precedeu á Astronomia. A Physica dos nossos antepassados foi a Magia, que levou não pouco numero de infelizes a morrer ignominiosas mortes a ferro e fogo.

Estes exemplos de se haverem sciencias falsas, e viciosamente estudadas, convertido em sciencias verdadeiras e proveitosas, exemplos, cada um dos quaes requereria um volume para se bem explicar, servem para de algum modo se relevar a immensidade relativa dos frequentadores da Jurisprudencia na Universidade de Coimbra: desbarato esse de gente, de talentos e de cabedaes, que, a não ser por esta ponderação, de que pelo imperfeito se faz caminho para o perfeito, sería para todos os bons espiritos um thêma de lastimas e um motivo bem grave de vergonha.

A sciencia, ou a arte do Direito se assim lhe quizerem chamar, por mais bem ensinada que seja, é de si arida, esteril, não produz nada, e só serve para regular a distribuição ou adjudicação do alheio e manter a policia correccional. (*) Esta affluencia a disciplinas judiciarias, transcendeu já, quando a *methaphisica* e a *mistica* dominavam, senhoras unicas, no mundo litterario. A universidade de París então contou 25,000 estudantes, a de Bolonha 10,000, a de Oxford, dizem, tantos como 30,000, a aprenderem *nominalidades* e distincções *modaes*.

Fugindo d'esses tempos, e voltando a examinar o mappa já impresso a paginas 114, vê-se pela sua columna D, que a quantidade juridica de alumnos cursando a Universidade, só por si val mais da metade (56°/°) de todas as outras licções. A instrucção superior com graduação, colocada em um só ponto do reino, sendo este pouco accessivel por falta de communicações, que já hoje existem por toda a parte, e que nós outros não temos, nem queremos ter, ainda aggrava mais o mal. Tal centralisação faz que de alguns districtos, que estão lá mais proximos, haja uma affluencia extraordinaria de estudantes, os quaes sendo desnecessarios, assim ensinados, nas terras das suas naturalidades, teem de se converter em uma especie de milicia de consultos, que não podem passar sem consulentes. Isto póde-se dizer, porque não é mais do que repetir a linguagem dos nossos oradores em côrtes.

O excesso de jurisperítos em alguns districtos é digno na verdade da mais séria attenção. Temos por exemplo o de Coimbra com 70 estudantes em Direito, que de certo o não hão-de lá exercer depois de formados, e que não podem pôr por conseguinte a mira senão na capital, ou em ir administrar justiça aonde a sua administração não é precisa. Egualmente apparece o districto de Aveiro com 39 que tão pouco hão-de ter em que se empregar, se voltarem para os seus cabedelos arenosos. O districto do Porto postoque menos sujeito ás objecções allegadas contra os dois districtos mencionados, não precisa todavia de 75 alumnos estudando as *Pandectas*. É tanto mais attendivel isto que o districto da capital, onde é a séde dos negocios forenses, só dá 22, e toda a Estremadura, o Alemtejo, e o Algarve só dão, somma total, 54. O Algarve só dá 1 por

(*) A obvia etymologia da palavra jurisprudencia dividindo-a em prudencia e em direito, ou a prudencia do direito, indica bem a sua unica utilidade.

toda a sua provincia, isto é, 1 por 125,290 almas.

Tão sensivel é a differença entre as tres provincias do sul e as tres do norte do reino, que bem merece apresentada. Não tem menos o Minho, Traz-os-montes e Beira de 1 estudante em Direito por 6,605 almas emquanto a Estremadura, Alemtejo e Algarve só tem 1 em 19,587.

A tão sobeja frequencia d'estes estudos não póde deixar de ser havida por uma calamidade, — não pertendo eu lançal-a ás costas de ninguem, mas faço d'ella registo, para que cesse a incuria e a indifferença com que tudo entregamos á sorte sem attentar pelas consequencias. Não faria eu tanta insistencia n'este proposito, se não fosse notorio — que, longe de se diminuir a nossa propensão jurisconsultiva, de dia para dia vae em augmento. — Para assim o dizer fundo-me no resumo das matriculas que se acha impresso em um jornal d'esta cidade, que dá 6790 matriculados em leis de 1800 a 1820, os quaes divididos por vinte annos dão, termo médio, para cada anno o numero de 339 matriculados.

Esta quantidade é inferior de 43 confrontada com a de 1840 que dá 382, e com a d'este anno de 1842, segundo já ouvi dizer, do dobro ou triplo dos 43 da maioria que dá o termo médio dos 20 annos comparado com o de 1840.

No período de 1800 a 1820 tinhamos tambem o Brazil, onde não havia universidade alguma, que ensinasse a jurisprudencia metro politana e tinham portanto os seus habitantes de vir aprendel-a á mãe patria, assim como esta podia para lá mandar uma parte dos formados que lhe sobejavam, como de feito mandava.

Continuando a analysar esta secção cathedratica da Universidade, acha-se n'ella o mesmo vicio, a respeito da divisão da população urbana e rural que dá á sua quota de alumnos para as aulas, que já se notou para a Theologia. Teem as cadeiras de Direito 287 alumnos saídos dos districtos emquanto não teem mais de 95 dictos, que sejam filhos das cidades, as quaes pela vantagem que levam á povoação dos campos no tocante aos cabedaes melhor podiam desfazer-se do que se ha-de mister despender para adquirir aquellas sciencias, que ainda que illustres são comtudo parasítas, porque se nutrem á custa alheia, e assim se hão-de haver portanto mais damninhas e perniciosas quanto mais ultrapassam os seus limites. Os districtos das tres provincias do sul são notaveis na instrucção, a que aspiram para a magistratura civil os seus habitantes do campo, dando 7, 8, 5, por cada 1, que dão as suas respectivas capitaes (Leiria, Santarem e Portalegre). Ha nas do norte só um, o da Guarda, que os exceda, que tem 18 estudantes ruraes por um urbano. Ninguem ignora que estas estimativas não teem, nem podem ter, nem tão pouco é necessario que tenham o rigor mathematico; entretanto podem ser consultadas com proveito pelo legislador, que houver de fazer leis para as coisas, emvez de desbaratar papel e tempo.

Se porém se intende que é peior não ter nada do que ter toda essa mocidade applicada no fabrico de um genero de fazenda que se não ha-de consumir, então não se deixe ao districto da capital do reino o labéo de ser, depois dos districtos de Evora, Beja e Faro, o mais béotico de todos os 17 em rudimentos civís. O abastecimento que elle depois recebe dos educandos das outras naturalidades, que não é a sua, não attenúa a objecção senão que a aggrava, porque postoque essas terras d'onde elles procedem, despenderam infrutiferamente o cabedal que levou a educação d'esses mancebos, de quem ficam despojados, o qual não é de tão pequena monta para sitios tão pobres como são as capitaes dos nossos districtos, esse prejuizo em nada beneficía a capital, que não sabe o destino que ha-de dar a essa invasão.

O embaraço, que d'ahi provém, é mais sério do que se cuida, porque todos os individuos d'essa chusma de habilitados não se contentam senão com predicamento na classe, a que se julgam com direito, e de fórma nenhuma se querem dedicar á parte puramente industrial da sua habilitação. Esta renitencia por um lado, a escacez de educandos proprios pelo outro, fazem com que nos nossos auditorios de Lisboa se não encontrem pela maior parte senão miséria e ignorancia. Tenho eu para mim que não ha n'elles um escrivão, que formado seja, apesar d'essas escrevaninhas renderem para cima de conto de réis.

*(Continuar-se-ha.)*

*C. A. da Costa.*

# VARIEDADES.

## COMMEMORAÇÕES.

### LUIZ SERRÃO PIMENTEL.

13 *de Dezembro de* 1679.

1105 Da familia dos Pimenteis, que em não interrompida série tem dado até aos nossos tempos a Portugal illustres sujeitos, é distincto ornamento o que no dia de hoje commemorâmos. Foi Luiz Serrão Pimentel cosmógrapho-mór, ingenheiro-mór do reino, e tenente general da artilheria com exercicio em todas as provincias. Já se intende, que para qualquer d'estes importantes cargos era mister pessoa versadissima nos conhecimentos physicos e mathematicos, e nas suas applicações á navegação, e arte militar. Boas testimunhas são de que em o nosso Pimentel concorreram todas estas partes o seu *Methodo Lusitano* de fortificação e architectura militar, e a sua *Arte pratica de navegar e regimento de pilotos*, obras no seu género sempre estimadas por classicas dos intendidos. Boas testimunhas foram outrosim de que o seu prestimo se não limitava ás especulações de gabinete, os campos de batalha das Linhas de Elvas e Ameixial, e a cidade de Evora restaurada do poder dos castelhanos. Todas as praças de armas do reino foram por elle visitadas, e reformadas em suas fortificações. A instancias suas se instituiu a Aula de Fortificação e Architectura militar, onde se formaram muitos e bons ingenheiros. — Nasceu Luiz Serrão Pimentel em 1613, entrou no serviço da patria aos 19 annos de edade, e depois de gastos 48 em não interrompidos estudos e trabalhos, veio a morrer desastradamente despedido de um cavallo juncto da egreja da Magdalena de Lisboa, aos 13 de dezembro de 1679. Jaz no claustro do convento do Carmo.

Temos á vista um — *Discurso Astrologico ácerca do Cometa do anno de 1664. Offerecido ao Sr. Conde de Castelmelhor, por Alvisio Perrstelmen, Academico generoso.* — O anagramma, o titulo de Academico generoso (que é sabido o foi Pimentel), o assumpto do opusculo, e os characteres, que o papel apresenta de contemporâneo seu, nos levam a attribuir-lh'o sem escrupulo: e por ser desconhecido ao Abbade Barboza, o deixâmos aqui registado como obra sua.

*J. H. da Cunha Rivara.*

---

Encetâmos hoje a publicação do *Ráusso por Homizío*, romance, perigrino pela invenção, pela profundez de estudos archeologicos, pelo cabal e primo da execução poetica, pela pureza e opulencia da linguagem. — Damol-o sem alteração de uma virgula, qual saíu da penna de seu auctor: — que seria sacrilegio tocar, nem de leve, nas primicias que á sua Patria offerece um tal espirito — ¡ quem no acreditaria! — ¡ de vinte annos!

—

RÁUSSO POR HOMIZÍO.

Romance Historico.

I.

*Homizío.*

1106 Em 1245 levantava o monte, agora êrmo e esquecido de Algoço, a cabeça torreada sobre o despenhadeiro, que descaíndo arremessado para o sul fallece quasi ás margens do Angueira. — Debruçado para o precipicio medonho, no vulto descommunal representava o velho alcacere, aguia gigante, abrigando á sombra das azas de granito a povoação, que pendurando-se do outro lado, pelo íngreme da encosta, ajunctava a base nas raizes do monte, mas encolhida, enfeixada, e como receosa de se alastrar pelo valle, onde hoje alvejam as moradas da nova villa. — É que imagem dos seculos de ferro da meia edade encostava-se ao Castello como o peão á lança do Rico-homem.

Ao collocar nas alturas aquellas muralhas de grossa cantaria, aquellas torres quadrangulares e maciças, crêo o architecto arabe fadar-lhes eternidade. — Pela mente lhe adejou talvez um pensamento de orgulho, ao imaginar no ardor de uma crença fervorosa, que similhante á vaga encapellada, batendo em alcantís marinhos, havia a hoste dos nazarenos de ressaltar, e quebrar-se só ao pulsar-lhe os limites: e todavia annos depois, na face torva do Castello, escreveram portuguezes com a espada uma palavra, que apoz o largo combater de seculos, estamparam tambem, como ferrete de servidão affrontosa, na frente da altiva e linda perola do Islam — nos pannos dos muros vencidos de Ceuta, a descrida.

Destroncado e caído ao desamparo o herdou o passado seculo; já então muitas pedras, desengastadas da sua corôa d'ameias, se vestiam em assentos arrelvados pelo pendor da encosta. O resto, enredado de heras, involto em manto de musgo, matisado de florinhas agrestes, signalará porventura — o sitio, onde, como moribundo decrepito, aguarda que o tempo, similhante a Djinn, enorme no perpassar rapido o desabe a terra.

Por uma tarde humida e mal assombrada dos fins de novembro, dos eirados das atalaias espraiavam os vigias a vista pelos cabeços bravos coroados de pinheiros tristes, pelos soutos, estevaes, e por toda a larga campina, onde a espaços resaia o vulto branqueado dos casaes e aldêas; panorama, que se desdobrava como alcatifa de rico lavôr, até se embeber ao longe nas serranías circumstantes. No fundo valle ao sopé do monte estrepitava o Angueira, trasbordando o leito com as aguas caudaes do inverno; ao largo alteavam-se em horisonte alongado na fronteira Castella as serras de Seabra, recortando os topes pardo-escuros no chão cinzento do céu; desenroscando-se das quebradas dos cêrros o nevoeiro, manso e manso, trepava, e como véo alvacento de odalisca formosa ondeava meneado pelo sopro do vento. — Para o poente, o sol, por cuja face volteavam ligeiras as nuvens, parecia dormitar aprumado sobre o viso das montanhas de Nogueira, em throno de púrpura orlada de oiro, e os seus raios, refrangidos em um céu pardo, repercutiam embaciados e fugitivos nos cascos e largos ferros das lanças dos sculcas (1).

De subito contra o sul, e juncto ao logar onde se erguia uma recém-fundada ermidinha, deram rebate os vigias de dois homens, que vinham apertando o passo caminho do Castello: ao acercarem-se viram dois frades da nova ordem de S. Domingos: perguntados a que vinham — respondêra um já de edade grave: — «Que o padre Fr. Gil com seu barbato era alli a requerer do Alcaide acolheita por aquella noite, e uma pobre enxerga, em que o corpo se repousasse do trabalho da jornada.»

Emquanto os dois aguardam fóra da barbacan o despacho da sua petição, é mister que atemos o fio espedaçado de tempos, que já lá vão sumidos nas trévas do passado, para o leitor n'um relancear de olhos travar mais íntimo conhecimento com os personagens d'esta mui veridica historia.

Já n'este anno de 1243, pela face torvada do reino, volteavam ennovelladas nas azas do tufão, as procellas politicas, que no seu embater medonho quebraram um throno, e arremessaram para longe, como folha despegada do ramo, um rei debil e voluvel sim, mas innegavelmente bom, esforçado e generoso.

D. Sancho II, que nas pelêjas e em muitas outras coisas, foi tão rei e tão cavalleiro como todos os que o haviam precedido — perdeu-se pelo amor: — o pousar a lança e trocar pelas gallas de cortezão a sua boa armadura de campeador, para se reclinar nos braços de uma mulher, trascurando deveres, e cerrando a tudo os ouvidos, era á luz de um seculo fanatico e guerreiro o maximo opprobrio da corôa. De feito a paixão cega e insensata em que ardia pela nobre dona e mui excellente Senhora D. Mecia Lopes de Haro, como a nomeavam os mais aprimorados, que d'ella tinham, ou fiavam ter mercês e terras, retraíra o monarcha do commercio dos Ricos-homens e o sugeitava ás censuras do clero, que apregoava este casamento como contrario á disciplina da egreja, pela razão de parentesco, que entre os dois havia. — O povo, esse desarrazoado e ir-

(1) Sobre a villa e castello de Algoço, vide Carvalho Corogr. Port. tom. 1.° pag. 482 (mihi) Cardoso. Diccion. Geogr.

reflectido sempre desaffogava a sua má vontade, regalando a rainha com o nome de feiticeira, que só feitiços e ligamentos cuidava aquella boa gente, que valiam a arredar o rei das lides do governo do seu povo, apertando o laço que o ligava a D. Mecia.

Afóra este motivo de religião assim travado, com o inteiro esquecimento das tradicções guerreiras da épocha, outros de não menor vulto e mais para temer, revolviam os animos. — Os dois maximos elementos da civilisação da meia edade o sacerdote e o soldado, que tão trabalhada e escabrosa tornaram a vida de seu pae, cobrando novos alentos da indole mansa e irresoluto animo do rei, lançavam-se atropelladamente pela estrada das usurpações, desfazendo debaixo dos pés os pequenos e mesquinhos, e floreando um a adaga, e o outro o pendão de Roma, no estender dos braços descerravam de todo o véu, apontando abertamente ao alvo de sua ambição, ao predominio dos respectivos interesses.

Para arrostar com elles, forçando-os a refugir para os seus ambitos, e estremando, quanto então consentia o incompleto da administração geral, as raias das diversas classes, tão retalhadas pela desunião legalisada nos foraes e costumes, era mister que com o sceptro do pai houvesse D. Sancho herdado a sua vontade tenaz, e robusta intelligencia. — Que o pensamento, ou para melhor dizer, o instincto que ressumbra de seu reinado, como um vislumbrar da unidade monarchica, o rastreasse elle ao menos.

Mas similhante ao prisma, que sem ter nenhuma, reflecte todas as côres do iris, vagueava de parecer em parecer para se encostar sempre ao ultimo e peior; a valídos tredos e aborrecidos por malificios confiava o regimento da terra; as vinganças e homicidios gerando-se das paixões férvidas e tumultuosas do seculo, dos odios, que um dia encanecia e arreigava para sempre no peito, até ante os cancellos do throno, vinham rugir e pelejar-se, e elle por montarias e saráus, a colher sorrisos nos labios de D. Mecia. O descontentamento dos populares oppressos, do clero escarnecido e entrado de ruina e affrontas, e a inimisade dos fidalgos a crescer, a accumular-se, e a trasbordar, e elle como atturdido ou tomado de subito turpor, jazia ás orlas da cratéra, que de longe incendiam seu irmão D. Affonso conde de Bolonha, e seu tio D. Pedro conde de Urgel, alimentando parcialidades, que o seu renome enraizava no sólo, e que iam invadindo e enredando insensivelmente boa porção do reino. É que Deus tinha contado os dias do seu reinado, e pela mão de uma mulher o guiava ao eterno repousar das lides e bulicio do mundo, que para elle fôra exilio escabroso aquelle throno, atormentado das tempestades da terra, aos pés do qual se revolvia agitado pelo vento de Deus o vulto indeliniavel, immenso, e ferocissimo, chamado povo.

Dois mezes antes da épocha, em que demos começo a esta historia, um feito covarde e réfece de certos cavalleiros da côrte era o pasto saboroso de todas as praticas. — Para vingarem, segundo corria, o homizío de um parente, que Martim Viegas Portoccarrero, fidalgo velho e auctorisado do Minho, em recontro que tivera dois annos atraz, matára á espada, o haviam assaltado em seus paços, e assassinado cruamente com todos os serviçaes e solarengos que acudiram; ermando-lhe casaes e herdades, decepando arvores, e roubando e incendiando o resto. — Porém a versão do caso, como andava pelo povo, não a aceitavam os atilados phisiologistas da meia edade, que se prezavam de subtis em averiguar enredos, e traduzir sorrisos de cortezãos, ao contrario, tomando a mão em todas as conversações, affirmavam — «que isto padecêra por seus peccados o bom cavalleiro, e por algumas razões, que passára com o senhor rei na ultima vez que fôra chamado á curia, sobre seu casamento com D. Mecia, estranhando-lhe em termos mais rudes e desabridos, do que a sisudeza pedia, aquella paixão má, que sobre ensurdecel-o ás lastimas do seu povo até a consciencia lhe embotava, tractando mulher tão sua parenta com grave offensa de Deus e do senhor Papa, e indo por diante em suas fallas affrontára os valídos, que lá eram, jurando que confuso e abaritam (2) fosse elle, se á lança e espada não provasse o dicto aos melhores tres.» — Aqui, sumindo as palavras, e como a medo, recordavam para maior certeza a vingança, que o avô do senhor rei tomára de D. Martim Fernandes (3), e subindo depois com a voz uma oitava, rematavam o arrasoado, benzendo-se e rogando a Deus, que fosse servido livrar sua senhoria das bruxarias e mais artes dos damnados acolitos de Belzebut (4).

Pela austeridade do seu viver, pelo alumiado do seu intendimento, e pela humildade e compostura do seu aspecto se estremava o padre Fr. Gil dos outros membros de um clero rico, devasso e rude. — Tempestuosa, porém, lhe corrêra a mocidade, consumida em deleites e vicios, desvairada por uma paixão mais que nenhuma ingrata e impia — o orgulho da sciencia — paixão, que no desferir o vôo roça pelas estrellas, para até sobre o throno de Deus ir tremular o seu pendão rebelde, sêde de Tantalo, que mirra e secca o coração, e o estorce nas vigilias das noites affanosas, sem haver affecto sancto desabrochado no peito, que não murche e queime; fé pura e viva, que não definhe logo por ella, como o Archanjo maldicto, se despenhou nas trevas do descrêr, no anciar de mil agonias insoffridas, na eterna desesperação de tudo, que é a morte horrenda d'alma.

Mas a este homem, tinha Deus da sua mão para levantar a voz inspirada sobre os êrros do mundo. — Uma luz suave desceu do Empíreo a aclarar a noite tormentosa em que se revolvia, apontando-lhe o unico ádito cerrado ás tormentas da terra, o unico caminho que da visinhança do Céu colhia serenidade e consolação, remedio e esperança só o claustro lh'o podia dar. Lucta foi aquella, para até aos anjos mover inveja. Debaixo da estamenha, que amortalhava o corpo, vivia ainda o mesmo coração férvido e ardente; lá o sentia pular contra o peito no

(2) Praga esta mui usada dos antigos, que val o mesmo que dizer — seja confundido e devorado pela terra como Datan e Abiron.

(3) Vide sobre esta vingança de D. Sancho I os documentos dos fins do seculo XII em Ribeiro Dissert. Chron. pag. 267.

(4) .... E geralmente se dizia que elrei andava em poder d'ella (D. Mecia) enfeitiçado e aguo do juiso.... Ruy de Pina Chr. de D. Sancho II.

rugir das procellas da alma; quando a phantasia pelos sentidos lhe escorria a imagem dos prazeres e gosos d'essa outra vida, que já vivêra, esplendidos e encantados nas ricas vestes de oiro e rosas: tão intima e pungente o apertava esta saudade, que nem cilicios nem orações bastavam a apagar-lh'a. Os espiritos grossos e fanaticos, ouvindo-o pela callada da noite desatar em choro alto, e em brados soccorrer-se á Virgem, tinham para si, que eram visões de demonios; como se ahi houvesse mais temerosa tentação, que o vacillar de uma vontade sancta á voz do mundo, e o agonisar do pensamento no esmorecido palpitar da esperança do futuro, quando o coração descae de desalento, e o animo vibrado entre a morte e a vida d'alma, nuta, trepída, e vae perder-se no abysmo. Agonisar este similhante ao do homem, suspenso pelas roupas sobre precipicio medonho, ao sentir vergar e gemer sob o pêso do corpo o ramo de que lhe pende a salvação. — Depois de largo combater saíu illeso da prova, e tão puro e ajustado era o seu viver, que a côrte o respeitava por suas lettras e virtude, e o povo lhe chamava sancto.

A humildade e sugeição do claustro não haviam comtudo resfriado a robusta amisade, que de largos annos o unia a Martim Viegas, e a seu filho D. Reimão, a quem como *familiar* creára no convento de Santarem, ensinando-lhe as pueris, até o despedir para na hoste do conde de Urgel aprender e praticar as boas artes da cavallaria, á sombra da lança do guerreiro, cujos feitos ajustados pelas maravilhas do Cid, espantavam o seculo. Em Compostella, aonde o chamaram negocios da ordem, se víra com elle, que se tornava a matar saudades de dois annos nos braços de pae e irmã, e a pendurar entre outros tambem signados de golpes de infieis o escudo de novel: por isso o bom do frade, ao soar-lhe a noticia do horrendo homizío, se abalára para Algoços, que era castello real, e por tal escolhido pelo moço Alcaide, como seguro abrigo, quando ao entrar na terra da patria soube que já nem pae nem irmã tinha. — Mas emquanto Fr. Gil alli aguardava a resposta, embebeu-se em tristes reflexões: receava que as palavras de consolação e os brandos conselhos com que traçava minorar-lhe a dór, nada aproveitassem, porque no coração do mancebo estavam as paixões incisivas e violentissimas do tempo: por isso nem ousava imaginar no como rebentaria a vingança, que se via immutavel como a voz do destino, bem o sabia elle, espantosa e implacavel, provava-lh'o até a propria dilação.

O som cavo que tiravam os alçapões ferrados tombando sobre os seus apoios de pedra, e a voz cheia do velho ovençal, desejando-lhe a boa vinda o dispertaram d'este triste meditar, e encommendando-se interiormente a Deus, atravessou a ponte levadiça, e sumiu-se pelo profundo portal de abobada.

*Luiz Augusto Rebello da Silva.*

*(Continuar-se-ha.)*

---

ACHADA CURIOSA.

1107 Sob este titulo escrevêramos em o nosso artigo 464 — haver-se descoberto aos 29 dias do mez de maio d'este anno, na egreja de S. Roque de Lisboa, em dois vãos de vasta capacidade, tapados com dois retábulos grandes, por detraz de dois altares, uma collecção copiosissima de reliquias, no que andava muito acceza, senão já a devoção, pelo menos a curiosidade. — Sobre a presumivel origem d'aquelles depositos disséramos então o nosso parecer, arrimando-nos a uma noticia, que nos dava, na sua Chronica, o padre *Telles;* e concluimos — promettendo um inventario de todos aquelles interessantes objectos: — mas porque era assumpto, que tocava em artes, e nós temos por costume velho — o deixar cada coisa a quem pertence, com medo dos escarneos dos peritos, que não podem faltar, em qualquer se mettendo no que não intende, e para não virmos a fazer alguma coisa — parecida com o convite do já proverbial *Monumento com Estatua* — recorremos ao dignissimo Lente de Esculptura na Academia das Bellas-Artes, o Sr. Francisco de Assís Rodrigues, que prompta e cabalmente satisfez aos nossos desejos com o artigo, que segue, e que de proposito reservámos para esta occasião, por nos constar que estes relicarios vão ser expostos ao publico.

—

DESCRIPÇÃO DOS OBJECTOS ACHADOS NO INTERIOR DE UMA CAPELLA, DENOMINADA DO SANCTO CHRISTO, NA EGREJA DE S. ROQUE, PERTENCENTE Á MISERICORDIA DE LISBOA.

1.º Um portal precioso, que tem 4 palmos de altura, 2 e meio de largura, e 2 de fundo, e parece ter servido de sacrario. A architectura d'esta peça pertence á ordem dorica; as columnas são de pedra de côres, e as bases e capiteis de metal doirado. A peça em geral, os pedestaes, entablamento e remate, são marchetados de évano; o friso é ornado de cabeças de serafins de prata, tendo nos intervallos de uma a outra cabeça varios ovaes e circulos de aros de prata doirados, e dentro algumas pedras de estimação, taes como o *lapis-lázuli*, a *cornelina*, e a *ágatha*. Eguaes ornamentos se observam nos dados dos pedestaes e na base geral d'esta peça: os redondos, faxas, e a maior parte das molduras são guarnecidos de delicados ornamentos de prata. Ao meio d'este sacrario ha uma porta, em cuja face externa se vê uma boa pintura feita sobre pedra de côres, figurando mosaico, embutido na mesma porta, e representa a dicta pintura a Annunciação de Nossa Senhora. Todo o interior do sacrario é forrado de seda carmezim.

2.º Outro portico da ordem jónica, feito de metal doirado, tendo 3 palmos de altura, 1 e meio de largura, e 1 e um décimo de fundo. Dentro d'este portico, fechado com folhas de prata, jaz o Menino Jesus, recostado n'um berço, Nossa Senhora e S. José; e no fundo se vê o boi e a mula, tudo de metal doirado. No friso do portico apparece a seguinte inscripção latina — Domina Maria a Rolim Domini Ludovici a Gamaa (*) a conjux sacro Christi prœsepio dicavit. anno 1615. — Sobre a cornija e a meio d'esta peça se vê o brazão d'armas pertencente á familia dos Rolins, e na parte superior, em fórma de remate, apparece um Anjo em pé com uma fita na mão, onde se lê — Gloria in excelsis Deo. —

(*) N'esta inscripção apparece um *a* de mais, que está antes do apellativo *conjux*, e talvez se deva attribuir a descuido do gravador.

3.° Onze bustos de madeira, que representam varios Sanctos, sendo todos ôcos, e contendo nos peitos reliquias e authenticas: e são os seguintes:

I. Um busto maior que o natural, vestido com habitos pontificios, e a meio do peito um relicario com a inscripção seguinte: — *S. Joan. Pap. et Mart.* — 27 — *Mai.*

II. Um dicto de tamanho natural, tem no interior um crâneo; não se lhe descobre inscripção; mas parece algum Sancto Martyr, pertencente a alguma ordem religiosa.

III. Um dicto, dicto, de Sancto EstanisláoKostka, com a reliquia no peito.

IV. Um dicto, dicto, com resplandor de prata, que representa ser algum Sancto Martyr, militar.

V. Um dicto, dicto, tendo no interior a caveira com o rotulo seguinte: — *De Societate, S. Victoris Martyris.*

VI. Um dicto, dicto, de um Sancto Martyr, com a palma na mão, porém não se lhe acha relicario.

VII. Um dicto, menor que o natural, e tem no peito um relicario guarnecido de filagrana de prata com a letra *B. J. F. Regis:* é vestido de habito jesuita, e tem um resplandor de metal branco.

VIII. Um dicto, dicto, que representa ser Martyr, militar, e tem relicario no peito.

IX. Um dicto, dicto, que representa ser Martyr, militar, tem na mão direita um sceptro, e na esquerda uma palma: e o relicario fechado no peito.

X. Um dicto, dicto, que representa ser Martyr, militar, com a palma na mão, e reliquia no peito.

XI. Um dicto, mais pequeno que os precedentes, com reliquia no peito, e a letra *S. Romualdi, Abb.*

4.° Dois braços de prata ôcos, de um palmo de altura, com duas reliquias: um tem a letra — *Santa Ninfa. V. M.* — outro — *Dos Santos Inosentes.* — Mais vinte e dois braços de madeira, quasi todos do tamanho natural, contendo reliquias e authenticas; a saber:

I. *S. Amancio M. Rom.* — guarnecido o relicario com prata.

II. *S. B. Josephi de Anchieta* — Idem.

III. *S. Mauro Audisas* — madeira doirada.

IV. *S. Martyr Trevirensi* — Idem.

V. *S. Vedasto M.* — Idem.

VI. *S. Mauritii M.* — Idem.

VII. *S. Pontiano. Pa: M.* — Idem.

VIII. *S. Grando. M.* — Idem.

IX. *S. Martir de Treveris.* — Idem.

X. *S.ta Potenciana Martyr* — Idem.

XI. *S. Martir Treveris.* — Idem.

XII. No osso as letras seguintes — *In libro vitæ* — por baixo da peanha que assenta o braço — *N.° 14 — sem nome* — Idem.

XIII. *S. Joam & S. Paulo:* — Idem.

XIV. *SS. Mart. de Treveris* — Idem.

XV. No assento da peanha — *sem nome* — Idem.

XVI. *S. Estevão Papa, e Martyr* — Idem.

XVII. *S. Ursula V. e M.* — Idem.

XVIII. *S.ta Affitta.* — Idem.

XIX. *S. Estevão P. M.* — Idem.

XX. *S. Jacio.* — Idem.

XXI. *S. Sebastião, M.* — Idem.

XXII. *S. Joan. Chris.° AR.° Const:°*

5.° Quatro relicarios de prata com varios ornamentos, 2 palmos e meio de altura.

I. Tem parte de um queixo ou maxilla com a letra seguinte: — *S. Vicentis M.*

II. *S. Stanis. Kos.*

III. *B. Jo. F. Regs.*

IV. Sem reliquia.

6.° Um pequeno relicario de figura cónica, que terá de altura tres décimos, com um vidro que terá uma pollegada de diâmetro, sobre uma base de metal doirado; tendo dentro do dicto vidro alguns cabellos loiros, e na dicta base gravadas as seguintes lettras: — Cabellos da *V.ª M.ª N.ª S.ª*

7.° Dois relicarios de madeira doirada, que tem de altura 6 palmos, 3 e meio de largura, e meio palmo de fundo:

I. Tem 31 reliquias.

II. Tem 27 dictas.

8.° Dois relicarios de madeira doirada, tendo cada um 2 palmos e meio de altura, e 1 palmo e um quarto de largo:

I. Tem 18 reliquias maiores, e algumas mui pequenas, com as lettras quasi apagadas.

II. Tem 25 reliquias.

9.° Uma caixa de madeira ordinaria de 2 palmos de comprimento, palmo e meio de largura, e tres quartos de fundo, com tres repartimentos, tendo em cadaum uma reliquia, que parecem ser tres *femures*; o 1.° com a lettra — *S. Gabino, Pr.° M.* — o 2.° — *S. Paulino, Martyr* — o 3.° tem um osso partido e um papel com as letras sumidas.

10.° Uma caixa de páu sancto, que parece ter servido de peanha ou calvario de algum Sancto Christo: e tem as reliquias seguintes: na parte superior 11 reliquias, e nos lados 2.

11.° Um relicario com um vidro redondo, já quebrado, e dentro uma reliquia, e no assento da peanha a letra — *N.° 28 — sem nome.* — Outro relicario do mesmo feitio com a lettra — *De um Confessor.* — Outro dicto de prata com a reliquia, e lettra — *S. Cordula M.* — Outro dicto com a base de prata, e guarnições do mesmo metal, com a lettra — *S. Fausto M.* — Outro dicto de madeira ordinaria, com a lettra — *S. Potenciana M.* — Outro, já quebrado, com a lettra — *Sanct. Valentin Mart.*

12.° Mais um vidro de tres quartos de altura e um quarto de largura, com uma tampa de metal, quasi cheio de terra, que parece misturada com alguns ossos miudissimos.

13.° Um Sancto Lenho dentro de um pequeno vidro, e um *Agnus Dei.*

14.° Finalmente algumas reliquias sôltas, entre as quaes apparece uma de Sancta Rita, e juncto d'estas um pequeno papel com as seguintes palavras *Quorum nomen in libro vitæ. Todas estas Reliquias são do semiterio de S. Calipodio. onde estão muitos martires. trouxeas o Ir baltezar dias cõ seu extromẽto e l.ça do papa pera se tirarẽ . . 1594.*

*(Continuar-se-ha.)*

# NOTICIAS.

## ESTRANGEIRAS.

1108 As novas da China são tristes. O usurpador cos-

mopolíta, o vendilhão de veneno, foi bater ás portas de *Nankin*, e o imperador, *leão coroado no throno do mundo*, entregou-lhe as chaves dos seus estados. Pelo tractado de paz ahi assignado, pagarão os chins aos inglezes vinte um milhões de pezos em tres annos; os roubados e os roubadores ficarão perpetuamente amigos; patentes ao trafico dos nevoentos insulanos os portos de Cantão, Amoy, Fachoufu, Liampo, e Changai; cedida aos mesmos a ilha de Hong-Kong; os inglezes prisioneiros restituem-se; os chins traidores, que haviam seguido as partes do estrangeiro, absolvem-se. — ¡ A China é pois britannica; e Macáo cessou de ter importancia alguma! — Mais um degrau descido para Portugal, mais uma escadaria subida pela Inglaterra; mas por cima de todos os edificios de grandezas terrestres assombrosas, e d'isso já somos nós um documento, reside a Providencia: para estas calamidades universaes não ha consolação fóra da fé.

Nos Estados-Unidos prevaléce nas eleições a parcialidade democratica.

Em Inglaterra continuam os cartistas a reunir-se e a rainha a passear; e a imprensa a queixar-se das dilações, que protraem a conclusão do tractado com Portugal.

Em França, o ministerio, que, não ha ainda muito, festejava a grande maravilha de ter durado dois annos, vae perder o amparo da proxima legislatura; os deputados, que lhe compunham maioria, vão lhe dando costas.

A revolução da Catalunha, encetada por Barcelona, parece ter parado, e o aphorismo politico diz — que revolução, que pára, morreu. O general Van-Hallen ainda não havia rompido o esbombardeamento contra a cidade, aguardava a chegada do regente. As providencias tomadas pelo governo, expedindo navios para os portos catalães; mandando tornar para os regimentos os soldados que haviam dado baixa, etc., traziam a capital em grande agitação de animos.

## PORTUGAL.

### ACTOS OFFICIAES.

1109 *Diario do Governo de 1 de Dezembro.* — Decreto reduzindo a verba da Academia de Bellas-Artes de Lisboa de 20:845$ réis a 17:781$ réis.

*Idem de 2* — Decretos: cercêam-se as despezas eventuaes da Eschóla Medico Cirurgica de Lisboa de 2.000$ réis a 1.000$ réis; e as da Eschóla do Porto de 1.8000$ réis a 900$ réis. Outro suprimindo o emprego de Chronista mor do Reino e passando o seu encargo para o guarda-mor do Archivo da Torre do Tombo; — economia de 400$ réis.

*Idem de 3.* — Decreto: suprimem-se na Instituição vaccinica dois medicos — poupando-se annualmente 276$ réis.

*Idem de 5.* — Decreto: suprime-se o logar de director da Casa Penitenciaria de Xabregas — economia de 400$ réis. Outro aguarentando as despezas do material da Academia Portuense de Bellas-Artes a 500$ réis. — Outro abolindo o Corpo de Infanteria de Segurança Publica do districto de Béja, e o de cavallaria de Villa-Real.

*Idem de 6.* — Decreto organisando a contadoria da secretaria dos negocios estrangeiros. — Portaria ampliando o quadro da alfandega para surgidoiro dos navios. — Ordem do exercito n.º 54.

*Idem de 7.* — Portaria: reducções na fabrica da polvora. Outra em que se elogiam os commandantes das embarcações de guerra pelos auxilios que prestaram nos temporaes da semana passada; e mandando colocar juncto á barra alguns barcos para acudirem aos naufragados.

### A QUESTÃO DO THEATRO.

1110 Como já agora a historia do novo theatro — quer elle tenha de ir ao fim, segundo teimam doze até quinze pessoas, — quer haja de parar em ruinas, antes de rematado, segundo alcançam e sabem quasi todos — é uma historia de curiosidade e instrucção para os vindoiros, temos assentado em ir reunindo para ella todos os possiveis documentos, para que a distribuição do louvor e censura, cada um a possa depois fazer por si mesmo, e com toda a justiça: por isso archivamos hoje a seguinte preciosa carta, com que nos honra o Sr. Francisco Pedro Celestino Soares.

*Carta.*

*Sr. Redactor.* — Tendo lido o contheudo nos n.os 963, 1070, e 1071 do seu excellente jornal, julgo do meu dever pedir-lhe a insersão das seguintes linhas, afim de que o Publico possa ajuizar do modo imparcial com que se houve o Jury no exame dos trabalhos que lhe foram apresentados.

Enviaram-se ao Jury o Programma, e os Projectos para a edificação do Theatro Nacional: examinou-os o Jury com a mais séria attenção, afim de não dar um parecer que podesse prejudicar o merito dos concorrentes, nem tão pouco induzir o Governo a que adoptasse o menos bom, com prejuizo do melhor.

Não podia o Jury dar a sua approvação aos Projectos que lhe foram submettidos; porque não satisfazendo elles a todas as condicções expressas no Programma, não cabia isso na sua Alçada: com tudo, fez o que era possivel fazer-se. Analysou cada um dos Projectos, e remetteu á Commissão encarregada da edificação do Theatro esta analyse, para que se tirasse todo o partido possivel dos trabalhos dos nossos Artistas; como se deprehende do officio de remessa que transcrevo.

= Senhores. Tendo o Jury encarregado do exame dos Projectos relativos á edificação do Theatro Nacional, ultimado os seus trabalhos, tem a honra de remetter á Commissão da edificação do dicto Theatro o resultado que obteve, para ser presente ao Governo de Sua Magestade.

Com pezar se viu o Jury forçado a negar a sua approvação aos Projectos que lhe foram apresentados, porque nenhum d'elles satisfaz a todas as condicções do Programma; e ainda que esteja convencido da difficuldade quasi insuperavel de satisfazer a todas as dictas condicções (mesmo omittindo aquellas de que tracta o Edital de 4 de Junho do corrente anno) pelo pouco tempo que para isso foi dado, não cabe na sua Alçada approvar algum dos Projectos, ainda que n'elles ache muitas coisas dignas de serem adoptadas.

Com tudo, querendo o Jury levar ao conhecimento do Governo de Sua Magestade, o que achou de melhor, e de mais defeituoso, em cada um dos Projectos, remette uma relação em que o bom e o mau, mais notavel, se acha indicado, afim de que Sua Magestade possa decidir como melhor convier.

Sala das Sessões do Jury etc. Em consequencia d'este officio esperava o Jury ser auctorisado para chamar o Auctor do melhor Projecto, e indicar-lhe as alterações que convinha fazer-lhe para se poder levar a effeito. Não aconteceu assim; e disso não é o Jury responsavel. Faça-se por tanto justiça a quem a tem.

Sou, Sr. Redactor, muito seu Venerador e Creado

*Francisco Pedro Celestino Soares.*
Secretario do Jury.

Lisboa 27 de Novembro de 1842.

### ESTUDOS ARTISTICOS.

1111 A Academia das Bellas-Artes de Lisboa, a 12 do corrente vae abrir as aulas nocturnas, offerecidas á instrucção dos officiaes fabrís; começando na primeira noite o estudo de *desenho historico;* e na seguinte os de *desenho de ornato e architectura;* e proseguindo conforme a pratica já adoptada.

As pessoas que de novo se acham admittidas ás referidas aulas, e aquellas que as frequentaram regularmente nos annos anteriores, podem alli comparecer.

Na mesma noite começa tambem o estudo superior da aula do modelo vivo.

### RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DO MEZ DE OCTUBRO DE 1842.

1112 Temperatura média das madrugadas 55,° 6 F (10° ½ R) dita nas horas de maior calor 68,3 (16)

— dita média do mez 62 (13⅓) — Variação média da temperatura diurna 12,° 7 (5¼) — Maior variação do calor diurno, em 23 do mez, 19.° (8½) — Maior frio a 25 e 26 do mez, 44.° (5⅓) — Maior calor a 7, 15, e 17 do mez, 74.° (19) — A menor altura do barómetro foi a 29, descendo a 737,4 minutos. — Maior a 22 do mez, subindo a 760, 5 mill. — Média 755, 1.

*Ventos dominantes* contados em meios dias. — N,9 — NO,5 — O,1 — SO,13 — S,7 — NE,6 — E,2 — SE,5 — V,5 — B,9. — *Estado da atmosphéra.* Dias claros, 8 — claros e nuvens, 3 — cobertos com alguns claros 3 — cobertos 4 — chuva ou chuviscos 13 — trovoadas 5 — ventosos 7. — A chuva recolhida no decurso do mez subiu á avultada quantia de 144 millimetros, ou 42 almudes por braça quadrada, quasi o duplo da que costuma haver em um mez regular. — *Em Cintra* se recolheu em 21 dias chuvosos, a enorme quantidade de 327 millimetros. — As *quadras dominantes* foram cinco: a 1.ª de oito dias tépidos, com o ar pouco humido, chuvas serenas e duas trovoadas, com ventos mareiros moderados, á excepção do primeiro dia, em que soprou tempestuoso durante a noite: a 2.ª de septe dias de temperatura quente, atmosphéra variavel, ventos do NE, SE com apparencia de trovoadas que se não desinvolveram: a 3.ª de quatro dias quentes, ar muito humido, chuvas abundantes com duas trovoadas, e ventos do S. a SO: a 4.ª de septe dias com a temperatura fria nas madrugadas e noites, a atmosphéra clara, e por vezes coberta, ar muito secco, com ventos do N a NO: a 5.ª e ultima de cinco dias, tépidos, e muito chuvosos, especialmente a noite de 28 para 29, com ventos variaveis, ainda que predominando os do NE a SE — Decorreu por tanto o mez com uma temperatura regular e muito chuvoso, devendo notar-se que a temperatura média do mez de octubro representa aproximadamente a temperatura média annual do clima, a qual em Lisboa é de 61.° F (13.° R) deduzida de 19 annos de observações.

*Phenómenos notaveis* — Durante a 1.ª quadra d'este mez se desinvolveram terriveis tempestades no Mediterrâneo, principalmente sobre as costas da Catalunha e Valencia, causando grandes perdas no mar e terra. — A 9 um violento furacão causa notaveis prejuizos no porto de Constantinopla. — Na noite do dia 10 torrentes de chuva innundam a cidade de *Ceuta*, cujas ruas se transformam em ribeiros caudalosos, arruinando muitos edificios, e uma consideravel porção da muralha do recinto: os campos padeceram ainda maiores prejuizos, ficando destruidas as hortas, arrancadas as arvores, e os caminhos totalmente obstruidos — Na noite de 12 sentiu-se em *Moron* (na Hispanha) um forte tremor de terra, o qual fez quebrar muitas vazilhas nos armazens; e na noite do dia immediato o mesmo phenómeno se repetiu em *Colonia* (Allemanha), acompanhado de um grande rumor subterraneo. Em *Neuied* tambem se sentiram grandes abalos. A 25 pelas 8 horas da tarde sentiram-se em *Argel* dois tremores de terra acompanhados do costumado trovão subterraneo.

Foi este mez sobremaneira infausto para a ilha da Madeira, começando a ser mui chuvoso e tempestuoso desde o dia 10; porém a 22 desfechou grande tempestade; a 24 aconteceu a horrivel innundação causada pela torrente da chuva; e a 26 o segundo furacão que lançou sobre a praia os 5 navios que ainda permaneciam fundeados. As noticias d'estes funestos acontecimentos já foram dadas nos artigos 1056 e 1064.

Ao anoitecer do dia 28 começou a chover abundantemente em *Lisboa*, e seu termo, e assim continuou até ás 9 horas da manhã seguinte, dando na totalidade a avultada quantia de 70 millimetros no curto intervallo de 15 horas, pelo que cada braça quadrada foi innundada com 21 almudes de agua. Esta chuva tão copiosa produziu funestos effeitos em muitos sitios do termo, os quaes já foram referidos n'este Jornal.

Na madrugada d'este mesmo dia 28, uma subita elevação do mar invadiu as costas das ilhas *Terceira*, *Pico e S. Jorge*, subindo em alguns sitios a mais de vinte palmos sobre o nivel ordinario. Este notavel phenómeno começou ás 2 horas da manhã, e o mar se conservou agitadissimo na costa até ás 10 horas, ao mesmo tempo que ao largo, e a menos de um terço de milha, estava perfeitamente tranquillo. Esta circumstancia, e a não coincidencia do phenómeno com o praso das marés vivas, faz suppôr que fôra effeito de alguma forte commoção volcânica submarina, de que tantas vezes tem sido theatro os mares que circumdam o grupo dos *Açôres*. — Em 29 houve em *Madrid* um grande furacão que produziu notaveis prejuizos em *Aranjuez*, derribando 300 formosas arvores. Este furacão tambem cursou pelas provincias meridionaes da Hispanha, principalmente pela Andaluzia, aonde causou grandes devastações nas cidades e campos de *Sevilha*, *Ecija*, *Carmona*, *Malaga*, *e Cadiz*, derribando edificios, pontes e grandes arvores, chegando a sua violencia a ponto de levar pelos ares, gado, e até algumas pessoas; muitas embarcações vararam na costa.

Additamento aos *Phenómenos notaveis* observados no mez de septembro. — Desde 3 até 7 padeceu a ilha de *Cuba* um terrivel furacão por effeito do qual mais de 50 navios se perderam ou ficaram destroçados, além dos grandes prejuizos que receberam os caes e outros edificios, assim como os campos aonde se perderam as sementeiras. — No referido dia 7 a cidade de *Gren-Kanischa*, no condado de Szalad, na Hungria, experimentou durante a noite, quatro fortes tremores de terra, succedendo-se com intervallos de 15 a 20 minutos. Cairam algumas casas, e outras ficaram arruinadas. — A 20 uma terrivel tempestade acompanhada de espantoso furacão desfecha sobre a cidade de *Roma*, causando grandes estragos em varias casas, e arrancando muitas arvores. De todas as partes da *Italia* se receberam noticias afflictivas dos estragos originados pelas tempestades. Em *Bolonha* foi avultadissima a devastação. — Nos *Estados Unidos* as grandes chuvas que tantos males causaram em *Nova Yorck*, foram ainda mais abundantes nos Estados do *Sul*, e principalte na *Virginia* aonde os rios saíram do seu leito, e causaram os grandes estragos. A colheita do trigo perdeu-se quasi toda nos condados da costa; calculando-se em muitos milhões de pezos o prejuizo dos cereaes, e algodão.

*Necrologia* de Lisboa e Belem. — No mez de octu-

bro foram recebidos nos tres cemiterios 591 cadaveres, sendo 303 do sexo masculino, e 288 do feminino, maiores 337, e menores 254; do que se deduz que a perda foi assás regular, sendo apenas inferior de quatro obitos a que deduzimos para o estado normal, confirmando tambem os resultados d'este mez, o nosso antecedente calculo.

*M. M. Franzini.*

NAVIO ENCALHADO.

1113 O brigue portuguez, *Nova Amizade*, vinha do Rio de Janeiro. Chegava pela noite de 28 do passado á fóz do Tejo: quizéra não commettêl-a pela cerração, que então fazia: tinha diante os cachopos; detraz o vendaval, que prohibia retroceder; não havia escolha; lançou todos os ferros para pernoitar em tão agra paragem á espera da salvação do dia: zombou o vento das precauções; rebentou toda a amarração como uns fios debeis, e arremessou-o pela corrente acima, até vir encalhal-o na praia de Belém, defronte do mosteiro dos Jeronimos.

DESFECHO PROPRIO DE UMA VIDA DE TOIREIRO.

1114 Lêmos na Gazeta dos Tribunaes: —

«Em sessão do jury, pelo segundo districto criminal, foi julgado no dia 24 o réo Francisco Martins — Toireiro — accusado de crime de morte de um caixeiro de armazem n'esta cidade de Lisboa: já pelo mesmo crime fôra julgado pela Conservatoria hispanhola, e condemnado a degredo perpétuo: foi o processo annullado pelo Supremo Conselho de Justiça, e remettido ao 2.º districto criminal, aonde foi mais infeliz, pois julgado pelo jury provado o crime, o juiz de direito lhe impoz a pena de morte.»

SOCIEDADE DOS AMADORES DA SCENA PORTUGUEZA.

1115 A Sociedade juvenil, que sob este titulo se fundou e já tem encetado as suas representações no theatro do Salitre, merece louvores, não tanto pelo que tem feito, como pela nobreza das suas ambições. Põe ella a mira em nada menos do que em se adiantar, por via do estudo e trabalho assiduo, até ao ponto de poder servir de norma aos actores de profissão. — Está ainda longe, confessal-o-hemos, do seu fim; mas os milagres terrestres são a fé e a perseverança quem nos fazem: e ambas estas virtudes cabem mui bem cabidas em almas de mancebos — possuem-nas estes. — Se é verdade o que nos affirmam, os seus empenhos são — que o theatro portuguez se alimente de producções, portuguezas de nascimento e portuguezas na linguagem; que a declamação, o accionado, os gestos, e todos os modos sejam nossos. Que a um género de poesía feitiça e exaggerada, e nem sempre innocente, se anteponha o proveitoso, o natural, o sensato; finalmente que d'estas suas, já, por isto só, tão uteis recreações, recebam fructos de oiro os desgraçados de todas as especies, as eschólas, os asylos, os hospitaes, as familias desamparadas, todas as victimas dos rigores da fortuna, ou da natureza; — ¡ e quão bem que não vão inaugurar esta parte christã da sua litteraria missão, destinando para os INNUNDADOS DA MADEIRA o producto da segunda representação do formoso drama, o *Pagem de A'jubarrota!* — O seu theatro se encherá expontâneamente, e aos applausos devidos ao escripto, e talvez tambem á nascente pericia dos intérpretes d'elle, accrescerão os que nunca se recusam aos homens humanos, aos consoladores do infortunio.

Sabemos que em um *jornal* (¡ e que é hoje o que em jornaes se não sophisma, se não perverte, ou se não desintende!) se ousára censurar este pensamento benéfico, pondo-se, para maior vergonha, essas expressões de crueza em bocca de mulher, e de mulher moça. — Pedimos perdão a nossos leitores de lh'as repetir: —

«*Os Amadores da Scena Portugueza*» — conta o diabo de sáia á sua amiga — «*dizem por ahi vão outra vez dar-nos o prazer de os vêr no Salitre, porém que Deus os livre, segundo certa opinião de o fazerem por leilão. Era uma arriosca em que caíam temivel, mas julgo que sairá coisa digna d'elles.*

«— *Sim, segundo a idéa ha maneiras de se fazer egual ou maior beneficio, sem essa funesta exposição: eu não caía.*»

— *Ramalhete* se chama o papel em que isto vem. — A Sociedade que se console de lhe haver de faltar ao seu banquete da charidade este *Ramalhete*; — d'essa perda a vingarão as corôas moraes, que mulheres e homens lhe choverão de toda a parte, sem fallar nas bençãos dos infelizes e nos prazeres da consciencia satisfeita.

SUSPENDEI. . . . TALVEZ POSSA ACABAR;
TRA, LÁ, LÁ, LÁ, LÁ, LÁ.
NÃO, NÃO, INDA NÃO VAE LÁ;
TRA LÁ LÁ LÁ LÁ LÁ.

*Dama Branca, Acto III, Scena III.*
*No papel do Sr. Ibarra.*

1116 Haviamos dicto em o nosso artigo 1038, que receavamos que á ópera lyrica do theatro normal de declamação se levantasse a *espinhéla* pela entrada do Sr. Figueiredo; e que este genero bastardo, parvo, e sem-sabor, ajudado pela habilidade do novo escripturado, chegasse devéras a crear raizes: — viva Deus, que foram vãos os nossos temores. — A Dama Branca, paródia portugueza de outra paródia franceza de uma novella de Walter Scott, foi recebida na primeira noite com um vendaval de pateadas; e com outro similhante ou maior morta logo na segunda.

Imaginára a boa da empreza, que na ópera da Dama Branca, bem como na estatua da Dama Branca, se continha uma burra de oiro, que é, já se sabe, — *a suprema ratio empresariorum* — mas similhante á estatua, que no terceiro acto se vê ter desapparecido do seu pedestal, a ópera vae despejar egualmente o palco e mais o bêco da Rua-dos-Condes.

Attribuiram alguns a sua catastrophe a quebranto, que lhe déra a colligação antimusical do Sr. Ibarra e da Sr.ª Radicci com as outras senhoras e senhores, de que se compõe aquella verdadeira sanzála. Não duvidamos, que podia isso concorrer em grande parte; mas a principal causa, vá dicto em abôno do bom senso portuguez. — A principal causa foi a indignação do publico, — d'este publico, o mais paciente de todos os publicos, já finalmente desenganado, de que era acinte da empreza, e direcção d'aquelle theatro matar o drama portuguez com meia duzia de cantilênas estrangeiras sem mérito real, e executadas deploravelmente.

«Jamais finira la guerre
«De Pradon et du parterre:

dizia Boileau; — d'aqui por diante uma vez que o povo levantou a luva, que a empreza lhe atirou, podemos prophetisar, tambem em dois versos, no stylo dos da Dama Branca — que

«Hão-de sempre andar de alcatéa
«A ópera lyrica e a platéa:

— e veremos quem primeiro cança.

Em que pez a quem pezar, hão-de ter ópera lyrica, — affirmam-nos que gritára em pleno tablado uma voz autocratica. — Em que pez a quem pezar — responde tacitamente o publico — hão-de ter assobios e os bancos quebrados. — São duas óperas lyricas em competencia; mas nós queremos apostar antes pela victoria da de cá de fóra: porque emfim todas as contendas acabam pelo desfallecimento do mais fraco. A esta regra só conhecemos uma excepção; e é a briga, em que andam, ha mais de um mez, de dia e de noite, a natureza e os homens da bomba no alicerce do theatro do Sr. Lodi: a natureza a jurar que não ha-de secar duas nascentes, que alli poz; os homens da bomba a jurar, que lh'as hão-de engolir —

«O mundo a porfiar que o Franco é tolo;
«E o Franco a porfiar que o mundo mente.

— Bem haja, bem haja o povo, o qual já que censores desleixados lhe não zélam o que é seu, se decidiu a tomar a generosa deliberação de pôr o seu véto nos desparates que lhe vendem. Nos bancos e até nos camarotes é que reside agora o verdadeiro jury theatral. Se o governo quizer pagar o subsidio a um theatro, que não quer desempenhar as obrigações, que para com o governo contraíu, os spectadores, que pagam os seus logares n'um theatro, que se lhes diz nacional e normal, podem e devem castigal-o sem misericordia todas as vezes, que deixar de ser normal, todas as vezes que deixar de ser nacional — isto é — sempre.

Outro dia faremos o exame phrenologico da Dama Branca, personagem litteraria completamente nulla, e cujos órgãos principaes parecem ter sido o da *Isbarrividade*, e o da *Pateatividade*.

A sua poesia, similhante á do *Dominó*, *do Campo dos desafios* e do *Frei Diabo*, essa era toda pelo gosto d'aquellas quadras beirãs —

«Semeei no meu quintal
«Amorinhos de Izabel;
«Nasceu-me um pé de um burro,
«Com uma candêa na mão.

—

«Ó almas do purgatorio,
«Que estaes á borda do rio;
«Virae-vos da outra banda,
«Que vos dá o sol nas costas.

---

O SR. FIGUEIREDO.

*Et erunt duo in carne una.*

1117 ¡Se n'um poema, como o dos Lusiadas, os criticos sisudos não perdoaram áquella repugnante mistura do christianismo com o paganismo, quem relevará que por amor de tão prosaica e desalmada coisa, como a chamada ópera lyrica do chamado theatro nacional, se permitta ao Sr. Figueiredo o acummular na sua guarda-roupa os vestuarios de comico e a sobrepelliz de cantor da cathedral!

«Le matin catholique et le soir idolâtre;
«Déjeunant de l'autel et soupant du théatre!..

— Baccho vestido de clerigo, a adorar n'um retábulo a imagem do Espirito Sancto, não é mais ridiculo do que ver-se pela manhã no corêto, entre as vozes destinadas ao culto, cantando os hymnos purissimos e gravissimos da Egreja, aquelle mesmo que oito ou nove horas antes se víra saír d'entre quatro lonas pintadas para trocar quatro cantarólas afrancezadas de uns amores semi-obscenos com meia duzia de bufonerías ignobeis e grosseiras! — Não condemnamos a profissão de actor. Approvamos até, que se favoreça, porque acreditamos sinceramente, em que o theatro póde vir a ser tão util quanto hoje é prejudicial, tão nobre quanto hoje é infame. Queremos que ao Sr. Figueiredo se continue a dar o preço do grande sacrificio, que necessariamente se padece para assignar o seu nome em uma tal escriptura — escriptura que sempre nos faz lembrar a do Sancto Frei Gil ou a do Roberto do diabo. — Dem-lhe pontualmente os seus 72$ réis mensaes, e o seu opímo beneficio; mas que na Sé metropolitana de Lisboa se apague o seu nome da lista dos cantores; e que os 15$ réis mensaes, de que ahi lhe haviam composto o seu estipendio, cerceando para isso os salarios, já tenuissimos dos outros, revertam para aquelles a quem de direito pertencem, e que ainda não aprenderam a topographia dos corredoresinhos escuros e dos camarins affumados do murrão do cebo.

Não é isto fanatismo: esta identificação do profano com o sagrado na mesma pessoa não escandalisa menos aos mundanos do que aos devotos. — Se o religioso se offende de ver o trajo dos levítas sobre os hombros do comediante — o irreligioso enjoar-se-ha, de ver estar-se requebrando aos pés de uma deidade de bastidores, o homem em quem a agua de colonia não póde apagar o cheiro do incenso, que trescala a vinte braças em redondo. — Perde o theatro e perde o templo; mas perde ainda mais o templo do que o theatro; porque o cantor da Sé ainda de alguma sorte se absorverá no primeiro galan, mas o hystrião, esse transparecerá inteiro debaixo da cóta, e converterá perante a imaginação os divinos officios em negocios de comédia.

Sabemos que alguem zombará d'estes reparos — tanto peior para esse pobresinho, que não tem alma para intender, nem coração para sentir, nem instincto para dissimular a miseria da sua propria intellectualidade! — Compreendam-nos ao menos os que podem e devem pôr ponto n'este escandalo. Bem sabemos que por moda passou para a egreja a musica da ópera; e que a ópera, em troca de cortezia, recebeu da egreja o orgam, os sinos, as freiras, as véstes clericaes e pontificaes, os hymnos, o altar e a cruz; — mas esta confusão de generos não é menos absurdo contra o culto estabelecido, do que peccado contra a philosophia — Gretry entrando acaso em uma egreja em acto de festa solemne, e ouvindo ao instrumental um trêcho de ópera sua — «Meu Deus» — exclamou — «perdoae-me, eu não a tinha feito para vós» — ¿Que diria Gretry do nosso progresso? — Diria o que nós por ora não ousamos a dizer.